

Souto, Jorge (2019). *As notícias no ecrã. Uma etnografia da produção do noticiário televisivo*. Braga: Teórica Edições/Poética Edições. 187 pp. ISBN: 978-989-54403-0-6

Filipa Subtil



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cp/6582>
ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Referência eletrónica

Filipa Subtil, « Souto, Jorge (2019). *As notícias no ecrã. Uma etnografia da produção do noticiário televisivo*. Braga: Teórica Edições/Poética Edições. 187 pp. ISBN: 978-989-54403-0-6 », *Comunicação Pública* [Online], Vol.15 nº 28 | 2020, posto online no dia 29 junho 2020, consultado o 02 julho 2020.
URL : <http://journals.openedition.org/cp/6582>

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 julho 2020.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Souto, Jorge (2019). *As notícias no ecrã. Uma etnografia da produção do noticiário televisivo*. Braga: Teórica Edições/Poética Edições. 187 pp. ISBN: 978-989-54403-0-6

Filipa Subtil

REFERÊNCIA

Souto, Jorge, *As notícias no ecrã. Uma etnografia da produção do noticiário televisivo*, Braga, Teórica Edições/Poética Edições, 187 pp., ISBN: 978-989-54403-0-6

NOTA DO EDITOR

Recebido: 21 de Janeiro de 2020

Aceite para publicação: 14 de Fevereiro de 2020

- ¹ *As notícias no ecrã. Uma etnografia da produção do noticiário televisivo* é um livro de Jorge Souto publicado em março de 2019 pela Teórica Edições/Poética Edições. O autor é professor adjunto da Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa, onde exerceu, entre 2010 e 2018, funções de subdiretor do Departamento de Audiovisual e Multimédia e posteriormente de diretor do seu mestrado. A sua trajetória de formação e investigação tem-se centrado particularmente nas rotinas produtivas do jornalismo e de vários campos da comunicação audiovisual e multimédia. A obra que aqui se apresenta é uma versão adaptada da sua tese de doutoramento em comunicação social, orientada por João de Pina Cabral, um conceituado antropólogo português, e

coorientada por Jesús Timoteo Alvarez, docente da Universidade Complutense de Madrid, e defendida nesta última instituição.

- 2 Os estudos etnográficos nas redações de meios de comunicação têm sido um campo prolífico de observação das rotinas e práticas jornalísticas desde, pelo menos, a década de 70 do século XX. As etnografias clássicas de académicos anglo-saxónicos, como as do Glasgow University Media Group (1976), Philip Schlesinger (1977), Gaye Tuchman (1978) e Herbert J. Gans (1979), revelaram-se ao longo das últimas quatro décadas fontes de conhecimento e inspiração para académicos e jornalistas que têm prosseguido esta pista de investigação.
- 3 Tal opção metodológica imersiva no *newsmaking* aparece como robusta para estudar as culturas jornalísticas e os jornalistas, contribuindo para uma melhor compreensão da natureza e do *ethos* do jornalismo nas sociedades contemporâneas. Graças a estes trabalhos, estamos hoje mais aptos para entender os bastidores dos *media* noticiosos, a componente invisível do seu trabalho, bem como o papel que jogam nos circuitos de poder social e cultural (Cottle, 2000).
- 4 No contexto académico português, no âmbito da sociologia do jornalismo e inclusivamente da antropologia dos *media*, são escassas as pesquisas de fôlego que têm optado por essa abordagem metodológica. Nas últimas duas décadas, destacam-se, na antropologia, a tese de doutoramento de Filipe Reis, intitulada *Comunidades Radiofónicas. Um estudo etnográfico sobre a radiodifusão local em Portugal*, defendida em 2006, e infelizmente nunca publicada; e a investigação de doutoramento em sociologia do destacado jornalista e investigador Adelino Gomes, levada a cabo entre 2007 e 2010 na redação dos telejornais da RTP1, da SIC e da TVI, da qual resultou a edição, em 2012, de *Nos bastidores dos telejornais. “Como se editam os telejornais das 20 horas nas três grandes estações de televisão em Portugal?”* foi a interrogação que orientou a pesquisa de Adelino Gomes. Mas, como este refere, logo na apresentação do livro, a sua investigação não se cingiu apenas à etnografia. Incorporou ainda a dimensão das audiências, entendida “na dupla vertente bélica (...) de níveis de audiências e de uma concorrência que na hora da verdade (a emissão em directo do telejornal) sacrifica (...) critérios editoriais” (Gomes, 2012, pp. 21-22). Vale a pena dedicar mais algumas linhas a este trabalho para melhor enquadrar o tipo de estudo realizado por Jorge Souto. Conclui Adelino Gomes que há “um ritual diário de consulta sistemática e prioritária das audiências dos jornais televisivos da véspera e a naturalidade com que as percentagens de agrado ou desagrado eram apontados como guias das opções editoriais” e “um mesmo modelo subjacente à diversidade das vozes a distribuir pelo alinhamento do jornal, o qual hierarquizava os conteúdos não necessariamente pela sua relevância editorial, mas pela ordem mais apropriada à captação de audiência e pela ordem presumida que a concorrência lhe iria atribuir” (2012, pp. 323-324).
- 5 A obra que Jorge Souto agora dá à estampa é, pois, mais um precioso contributo para melhor conhecer os bastidores dos *media* noticiosos portugueses. A observação participante, realizada em quatro redações de televisão nacionais, entre 2000 e 2005, foca-se na análise das relações dos seus atores e da forma como, através da sua agencialidade, estes se situam nos contextos de produção, procurando desofuscar o quotidiano dos habitantes dessa ‘caixa negra’ chamada televisão. Souto é norteado pela ideia de que o espaço das redações é um terreno permanente de negociações: “Indivíduo e organização, prática e valores profissionais, cultura e sociedade, articulam-se de formas complexas e situadas espacial e relacionalmente na redação”

(p. 154). Para analisar este contexto, Souto socorre-se do conceito de “autoria negociada”, que considera central “para analisar a forma como os diferentes indivíduos e grupos se situam na redação através de uma perspetiva relacional da atividade quotidiana de produção de notícias em televisão. A autoria negociada desenvolve-se nesta tensão latente entre objetivos comuns e práticas diferenciadas, numa tensão organizacional entre ilustração e verbalização no processo de produção de notícias e noticiários” (badana).

- 6 O livro está estruturado em nove secções, cuja sequência parte das primeiras impressões do investigador relativamente aos espaços físicos onde interagem os profissionais, com particular destaque para as redações, prosseguindo com os atores do *newsmaking* e terminando com as redes de sociabilidade na redação que conduzem à produção das notícias.
- 7 Na primeira secção, intitulada “A caminho da redação”, esta é apresentada como espaço por excelência de observação etnográfica, ao mesmo tempo que se evidencia como “pode ser enquadrada quer como espaço físico onde um conjunto de pessoas utiliza rotineiramente um conjunto de meios técnicos conducentes à planificação, preparação e produção de notícias e noticiários”, quer como “um espaço onde diferentes pessoas integradas em diferentes tipos de grupos interagem quotidianamente e, ao fazê-lo, deixam marcas naquilo que é produzido” (p. 16). Continuando com as palavras do autor, “a redação é, então, não apenas o espaço físico onde a maior parte das tarefas e rotinas do processo produtivo se desenrolam”, mas ainda “o conjunto de profissionais que dela fazem parte e as relações que estabelecem” (p. 16). Ao trabalhar com um conceito expandido de redação, Souto quer não só tornar visível o contributo de profissionais, regra geral esquecidos nas análises do processo produtivo das notícias, como evidenciar que o processo de produção noticiosa resulta de um “processo cooperativo de trabalho em equipa” que coloca permanentemente a questão da “autoria negociada” (p. 20).
- 8 Nas secções seguintes, denominadas “Os jornalistas e os outros” e “Ilustração versus verbalização”, procura-se desvendar “a tensão estrutural que enforma o processo de produção: a divisão entre os profissionais que têm a seu cargo a verbalização [os jornalistas] e os que são responsáveis por elementos de ilustração [os outros]” (p. 23). As atividades de verbalização relacionam-se com as decisões sobre a informação e a forma como esta é organizada para ser transmitida; já as atividades de ilustração dizem respeito à emissão e à aparência da informação televisiva, incluindo aqui, entre outras, o trabalho de captação de sons e imagens, a edição de vídeo, a preparação e operação do estúdio, bem como o trabalho de preparação administrativo e técnico exigido para produzir um programa informativo. A relação entre os “jornalistas e os outros” é, por isso, instável. Se, em teoria, os jornalistas dirigem os profissionais ligados à ilustração, na prática, esta relação revela-se bem mais complexa, intrincada e mutável, dependente de fatores como a sociabilidade, a experiência de trabalho e o estatuto profissional dos envolvidos (cf. p. 60).
- 9 Na quarta secção, “O que observar, porquê observar”, Souto fornece-nos a moldura da pesquisa, fornecendo elementos mais precisos sobre o campo de observação. Fica-se a conhecer o intervalo de tempo em que a etnografia foi realizada (2000 e 2005), nas redações de quatro canais televisivos portugueses, a saber, na RTP, a redação do noticiário do “Jornal 2”, do segundo canal, e a redação do noticiário do “Telejornal”, do primeiro canal; já na SIC, a opção foi a redação do canal noticioso SIC Notícias e a redação dos noticiários do “Primeiro Jornal” e “Jornal da Noite”. É aqui também que o

autor assume claramente o seu posicionamento teórico-epistemológico, afirmando que “...a perspetiva deste trabalho é processualista (...) e relacional. Encara o processo produtivo, os agentes e as suas relações, as práticas profissionais e sociais, como parte de um universo partilhado de significados e valores – uma comunidade de prática – no seio da qual são produzidos as notícias e os noticiários” (p. 63).

- 10 O papel dos estagiários nas redações é objeto de reflexão na secção designada “Da invisibilidade ao reconhecimento: a participação periférica legítima dos estagiários”. Nela, Souto, apoiado nos testemunhos dos próprios, dá conta da dificuldade que estes encontram em tornar-se visíveis no interior das redações, dificuldades essas que decorrem, a seu ver, por um lado, da recorrente falta de enquadramento dos jovens inexperientes que “invadem” as redações e, por outro, no caso daqueles que conquistam uma “participação legítima periférica” (resultante do reconhecimento do seu trabalho), da tensão que se instala com os jornalistas mais velhos, que veem os melhores entre os melhores destas novas gerações como uma potencial ameaça: “À medida que a participação dos mais novos aumenta, com o conseqüente reiterar da comunidade de prática como um todo, aumenta também a probabilidade de substituição dos mais velhos” (p. 83). “(...) Assim, os estagiários representam esse perigo do desemprego, além de representarem a possibilidade de renovação da comunidade de prática que é a redação” (p. 84).
- 11 A questão da visibilidade é retomada na secção “Visibilidade”, em que se evidencia como, no âmbito da produção da informação televisiva, o principal objetivo dos atores envolvidos é conquistar espaço de antena. A visibilidade do trabalho assume, para Souto, uma importância crucial nas estratégias de ascensão e manutenção profissional (p. 101). Já em “A redação: do espaço ao texto”, é retomada a reflexão que já se iniciara no capítulo que abre o livro, sobre os contornos agora simbólicos da redação. O autor revela como o espaço físico influi na construção dos textos, nas interações entre os atores, no processo relacional e produtivo. Souto propõe que se analise a redação como uma *ágora invertida*, mostrando como o espaço em que se desenvolve a produção noticiosa é simultaneamente aberto e fechado ao exterior e aos seus agentes, uma “janela para o mundo” e uma “janela para a redação” (p. 120).
- 12 O livro encerra com uma secção dedicada às “Redes de sociabilidade na redação”, o que não poderia ser mais acertado. Na realidade, são as interações quotidianas, nas quais se incluem os rituais de saudação e cooperação e as redes de sociabilidade que aí se forjam, como bem ensinou James W. Carey, o substrato da construção e da manutenção da vida social, do “ambiente” onde vamos viver ou laborar uns com os outros – neste caso, a redação.

BIBLIOGRAFIA

Gans, H. J. (1979). *Deciding what's news: A study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek, and Time*. New York: Vintage Books (Random House).

- Glasgow University Media Group (1976). *Bad news*. London/Boston: Routledge & K. Paul.
- Gomes, A. (2012). *Nos bastidores dos telejornais*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Schlesinger, P. (1977). Newsmen and their time-machine. *British Journal of Sociology*, 28(3), 336-350.
- Tuchman, G. (1978). *Making news: A study in the construction of reality*. New York: The Free Press.

AUTORES

FILIPA SUBTIL

Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa e Instituto de Comunicação da NOVA – ICNova
fsutbttil@escs.ipl.pt